

# ENTRE PALAVRAS E AÇÕES

## o crime na linguagem de Guimarães Rosa

### BETWEEN WORDS AND ACTIONS: CRIME IN GUIMARÃES ROSA'S LANGUAGE

Valda Suely da Silva Verri\*  
*Colégio Estadual Adaile Maria Leite*

#### RESUMO

O objetivo deste texto é discutir como o narrador de “– Uai, eu?”, de Guimarães Rosa, conduz a narração sobre o crime que cometera e como esta forma de narrar, dirigida a um narratário, seu advogado, possibilita ao leitor perceber a ambiguidade de seu discurso e refletir sobre sua culpa. Para tanto, empregamos a terminologia de Gerard Genette e as considerações teóricas sobre o narratário de Gerald Prince

#### PALAVRAS-CHAVE

Crime, conto, ambiguidade narrativa, Guimarães Rosa

Neste conto, um narrador autodiegético ou narrador protagonista<sup>1</sup> conta a seu advogado um caso de assassinato em que discorre sobre sua culpa em relação a um crime. O texto tem início a partir da questão proposta ao ouvinte, por meio da qual o narrador deixa claro o estabelecimento do contato com este último, antes de iniciar a narração da história propriamente dita: “Se o assunto é meu e seu, lhe digo, lhe conto; que vale enterrar minhocas?”<sup>2</sup> Esta sentença inicial, além de revelar o estabelecimento do contato entre narrador e narratário, mostra também a proposição de um contrato entre ambos, situando-os como peças importantes para o assunto que vai ser tratado, comum aos dois. Vale lembrar que o narratário de um texto representa, em síntese, “(...) uma entidade fictícia, um ‘ser de papel’ com existência puramente textual, dependendo diretamente de outro ‘ser de papel’ com existência puramente textual, o narrador que se lhe dirige de forma expressa ou tácita.”<sup>3</sup>

---

\* vsverri@yahoo.com.br

<sup>1</sup> GENETTE. *Discurso da narrativa: ensaio e método*.

<sup>2</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 247.

<sup>3</sup> REIS; LOPES. *Dicionário de teoria da narrativa*, p. 66. (grifos dos autores)

Fica claro, desta forma, que o assunto é o crime que diz respeito tanto ao criminoso, o narrador, quanto a seu advogado, o narratário. Embora este não se manifeste diretamente, é convocado pelo narrador a tomar parte da narração, uma vez que seu discurso é construído em função daquele. Há, então, no conto, um laço que os une: a verdade sobre a responsabilidade do crime que efetivamente recai sobre o narrador.

O referido contrato inicial esboça ainda a promessa de sinceridade. Já, desde o início, o narrador se propõe a não esconder nada de seu ouvinte, uma vez que o caso interessa a ambos. Daí advém também sua expressão: “(...) que vale enterrar minhocas?”<sup>4</sup> Tal questionamento busca a concordância do narratário para com a sua opinião, que equivale a dizer que, independentemente de se querer ocultar ou revelar, as verdades sempre acabam por aparecer. Assim, o narrador se mostra disposto a revelar a sua verdade sobre o caso. Ressalvamos ainda o caráter condicional que marca esta mesma fala. A conjunção inicial deixa transparecer que o narrador está sendo condicionado a contar, uma vez que não demonstra fazê-lo por decisão própria. A postura do narrador revela certa indiferença em relação a buscar a concordância do narratário com aquilo que diz. Não busca convencer ou não, pois ele próprio se mostra convencido de ter aprendido uma lição. Seu discurso revela que aprendeu a ter paciência e não mais agir impulsivamente.

Jimirulino, o narrador, empregado de um médico, Doutor Mimoso, conta a seu advogado como se deu o incidente em que, num ato impetuoso, assassinara três jagunços, os quais, não se sabe por que, vinham representando uma ameaça para seu patrão. Descreve-se como alguém que já viveu uma fase difícil como “arrimo de pai bêbedo”<sup>5</sup> e que desfrutava, quando se deu o episódio do crime, uma fase em que se via “mais feliz e prosperado”.<sup>6</sup> Sua visão de mundo, quando conta a história, já é outra, bem distinta da que tinha antes de cometer o crime e expressa essa nova visão através de uma linguagem um tanto cifrada, como na construção: “Só que isso se deu, o que quando, deveras comigo, feliz e prosperado. Ah, que *saudades que eu não tenha...*”<sup>7</sup> Chama-nos a atenção, nesse trecho, o fato de o narrador não sentir saudades de uma época em que diz ter sido feliz. Ademais, as reticências deixam em aberto o sentido destas suas palavras que vêm seguidas do paradoxo: “Ah, meus bons maus-tempos!”<sup>8</sup> Nota-se que, na época que antecede o crime, ele se considerava feliz, porém, no momento da narração, dotado de outra visão da realidade, já não vê os fatos dessa forma. Demonstra, pois, no presente da narração, a consciência de, antes, ter estado iludido e, nesse segundo momento, apresenta um forte desejo de retomar sua liberdade para ser como o doutor: honesto, justo e bom.

Há, então, neste conto, uma visível distância entre o eu que narra e o eu que toma parte da história narrada. Segundo Reis e Lopes, esta é uma postura que coloca o narrador em um tempo ulterior em relação à história que relata, conforme esclarecem:

---

<sup>4</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 247.

<sup>5</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 247.

<sup>6</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 247.

<sup>7</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 247 (grifos nossos)

<sup>8</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 247.

Sobrevém então uma distância temporal mais ou menos alargada entre o passado da história e o presente da narração; dessa distância temporal decorrem outras: ética, afetiva, moral, ideológica etc., pois que o sujeito que no presente recorda já não é o mesmo que viveu os fatos relatados. A fratura entre o eu da história e o eu da narração pode ser mais ou menos profunda.<sup>9</sup>

Esta diferença de visões do narrador que é separada por presente e passado é um dado extremamente importante para este conto. Conforme buscaremos mostrar ao longo de nosso artigo, a nova postura do narrador aparece de forma implícita no texto, a partir de um discurso irônico em relação à figura do doutor e também à sua própria.

Simões, de forma bastante sucinta, sem, pois, intenção de aprofundar esta ideia, faz uma observação pertinente sobre a postura do narrador deste conto, afirmando que ele é

(...) ao mesmo tempo leitor de sua história, no momento em que introduz comentários que indicam um distanciamento em relação ao narrado. Isso significa que o discurso é contaminado pela história e a primeira pessoa sugere uma terceira pessoa disfarçada.<sup>10</sup>

Desta feita, Jimirulino conta para o advogado como se dera o assassinato. Mas a narração é também uma ocasião para expor as conclusões de sua reflexão, possibilitada pelos anos na cadeia com “folga de pensar, estes lazeres”,<sup>11</sup> mostrando, o conto, que a chave da sabedoria é conquistada com o correr do tempo.

A presença explícita do narratário faz com que o conto se organize de forma a ser uma narração sobre a narração. Há o momento presente em relação ao ato de narrar, que é o diálogo entre narrador e narratário, de cujo espaço é a prisão e a ação é o próprio ato de narrar de Jimirulino. Esta situação, conforme encontramos menção em Fiorin,<sup>12</sup> é a enunciação enunciada. Nesta, Jimirulino, o narrador, conta a história do crime. A organização da diegese, no que se refere à história da vida do narrador, não se dá na sequência cronológica. Para narrar o incidente em que se deu o crime, Jimirulino faz digressões que revelam também outras épocas de sua vida, para além deste fato principal: “(...) eu que sempre fui arrimo de pai bêbedo (...) só que isso se deu, o que quando deveras comigo, feliz e prosperado.”<sup>13</sup> Por esta razão, a narração, como é característico dos textos de Guimarães Rosa, não se dá a entender ao leitor de maneira confortável. É marca do escritor o fato de o leitor necessitar fazer sempre muitas inferências, a fim de poder se colocar a par do mundo do narrador. O texto mistura também o ato de narrar aos comentários que encerram a visão de mundo do narrador. Além disso, a organização de seu discurso dá-se em função do narratário e não do leitor. Este último tem, portanto, antes de mais nada, o “trabalho” de organizar a situação narrativa. Referindo-se a Guimarães Rosa, Simões comenta que “correndo o risco de não ser entendido, o artista moderno busca o traço de complexidade, o sentido de

<sup>9</sup> REIS; LOPES. *Dicionário de teoria da narrativa*, p. 119.

<sup>10</sup> SIMÕES. *Guimarães Rosa: as paragens mágicas*, p. 175.

<sup>11</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 250.

<sup>12</sup> FIORIN. *As astúcias da enunciação*.

<sup>13</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 247.

deformação que ora agride ora inquieta o leitor, mas que de forma alguma o deixa indiferente”.<sup>14</sup>

Assim, o narrador organiza a narrativa conforme suas necessidades. Há, no texto, uma “arrumação” em que o crime, fato que constitui o motivo primeiro da história, só é revelado ao leitor no terceiro parágrafo que antecede o parágrafo final do conto: Jimirulino, voltando com o médico de um atendimento de parto, assassinara os três homens que vinham ameaçando seu patrão. Observa-se ainda que, apenas no parágrafo seguinte, já o antepenúltimo do conto, o narrador possibilita ao leitor entender que o espaço em que se encontra, no momento em que narra, é a prisão: “Me prenderam – ainda com fôlegos restantes – quando acabou o acontecido.”<sup>15</sup> E apenas nesse parágrafo, já chegando ao final do texto, o narratário é especificado como sendo seu advogado. O penúltimo parágrafo se encarrega de confirmar a informação, a partir da utilização do vocabulário pertencente ao campo jurídico: “Fui a júri e condenado.”<sup>16</sup>

Por fim, no último parágrafo, o narrador conclui seu erro e anuncia o propósito de chegar a ser “inteligente, bom e justo” como o Doutor e expressa ainda seu desejo de voltar a trabalhar para o Doutor Mimoso. Entretanto, à medida que fomos analisando melhor o conto, pretendemos dar conta de mostrar o quanto são dúbias as palavras do narrador no que se refere a sua admiração pelas qualidades do doutor as quais ele insistentemente ressalta.

Por ser o narratário designado como um advogado, ouvinte do narrador, este constitui o que Prince denomina de “narratário personagem”.<sup>17</sup> Ou seja, representa alguém que possui papel bastante específico dentro da situação narrativa, não se restringindo à imagem de segunda pessoa não especificada. Uma vez que é função deste profissional atuar como representante da lei, que julga os homens e que provém do mundo letrado, este pertence ao mesmo universo cultural do Doutor Mimoso e não ao do narrador. É tratado como “senhor” pelo narrador, evidenciando-se uma relação bastante formal entre os dois, pois se constituem como indivíduos praticamente desconhecidos um para o outro.

O fato de o narratário ser um advogado, encontra-se perfeitamente adequado aos objetivos do conto. Lembramos que, para Prince, o narratário tem como uma de suas funções ilustrar o tema. Neste conto, o narrador deixa para o narratário o papel de refletir sobre uma culpa que, de imediato, cabe de forma evidente a ele.<sup>18</sup> Entretanto, uma leitura mais crítica do conto é capaz de levar o leitor a entrever que a culpa pode também pertencer ao doutor, conforme tentaremos abordar melhor no decorrer de nossa análise.

Fica aberta para o narratário a proposta de encontrar uma solução para o problema que possa surtir efeito no mundo prático: aliviar a pena de Jimirulino. Assim, o advogado se constitui numa escolha bastante apropriada no que se refere ao que entendemos como objetivos do texto, por ser ele um representante da linguagem da Justiça. A figura

---

<sup>14</sup> SIMÕES. *Guimarães Rosa: as paragens mágicas*, p. 13.

<sup>15</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 250.

<sup>16</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 250.

<sup>17</sup> PRINCE. Introdução ao estudo do narratário.

<sup>18</sup> PRINCE. Introdução ao estudo do narratário.

do advogado, que pertence ao mundo das ideias (letrado), abre, então, a possibilidade de questionamentos sobre a punição de Jimirulino.

Já mencionamos uma distância cultural bem marcada no texto, que separa Jimirulino de seu patrão. É também bastante evidente e importante que se note, no conto, que a fala de Jimirulino mostra sua admiração pelos modos finos do doutor e sua narração revela que a relação com o doutor era de um perfeito aprendiz. Isso pode ser ilustrado pela seguinte passagem: “Vindo a gente a par, nas ocasiões, ou eu atrás, com a maleta dos remédios e petrechos, renquetrenque, estudante andante.”<sup>19</sup> Além da postura de discípulo, também se pode ver que a expressão “a par” mostra uma situação de harmonia entre os dois. Assim, apesar de colocar-se como aprendiz, Jimirulino mostra que não era tratado pelo doutor com superioridade, veja-se ainda a passagem: “Me apreciava, cordial. Me saudava segurando minha mão.”<sup>20</sup>

Apesar disso, o narrador situa a si próprio, em todo o desenrolar de seu discurso, em condição inferiorizada em relação a seu patrão. Discorrendo sobre seu desejo de vir a possuir os atributos do doutor, que insistentemente relaciona, e justifica-se em razão da sua condição de iletrado.

Considerando esta perspectiva da aprendizagem, a contraposição entre os dois universos culturais e o fato de que o narratário pertença ao mesmo universo do Dr. Mimoso, vemos que o narrador, condenado, encontra-se inteiramente nas mãos do narratário. Assim, há, no conto, aparente relação de poder entre dois sujeitos. É possível notar que o narratário de “– Uai, eu?” encontra-se em situação de poder diante do narrador, que se coloca nas mãos do narratário, para que este segundo possa exercer sobre ele o poder de ajudá-lo. Entretanto, apesar disso, a postura de Jimirulino é de indiferença em relação ao narratário, pois não procura convencê-lo de nada. Apenas conta e emite seus comentários, deixando para o leitor a tarefa de completar o que diz.

Fica para o leitor perceber que, para o narrador, o mundo letrado pode dotar o indivíduo das finezas que observa no patrão, porém, também das sagacidades que este mesmo demonstra na habilidade de manipular as palavras. Este narrador aprendiz, à medida que conta sua história, justifica para o narratário sua distância em relação ao universo do conhecimento científico, mostrando o que o diferencia do médico. A oposição entre esses dois mundos pode ser vista a partir das descrições de Jimirulino sobre ele e o doutor:

Ele, desarmado, a não ser as antes idéias. Eu – a prumo. Mais meu revólver e o fino punhal. De cotovelo e antebraço um homem pode dispor. Sou da laia leal. Então, homem que vale por dois não precisa estar prevenido?<sup>21</sup>

Suas palavras deixam clara a diferença entre eles, de que um se encontrava armado de pensamentos, de ideias, enquanto o outro se armava de forma prática, de objetos palpáveis: com revólver e punhal. Temos ainda: “A gente conversava constituidamente,

<sup>19</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 248.

<sup>20</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 248.

<sup>21</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 248.

para recuidar, razões brancas. Eu escutava e espiava só as sutilezas, nos estilos da conversação. Aquelas montanhas de ideias e o capim debaixo das vacas.”<sup>22</sup> Esta sua fala deixa implícita também a superioridade, vista por ele, que separa um e outro. As ideias, que fazem parte do mundo do Doutor, estão na cabeça (no alto) em oposição ao capim, que se situa “debaixo” das vacas.

Jimirulino pertence, então, a este mundo material, o que justifica ser acostumado a agir impulsivamente, sem refletir. Por esta razão afirma insistentemente que deseja passar a ser como o doutor, sutil, delicado e fazer uso da linguagem culta, como a do doutor, qualidades que ele tanto aprecia.

A descrição do médico, por ser feita a partir da visão de Jimirulino, é sempre associada à comparação com questões práticas. São sempre enfáticas as qualidades do doutor na descrição do narrador. Estas são comparadas às questões de aspecto positivo e que pertencem ao corriqueiro, que Jimirulino conhece por sua experiência de vida: “(...) olh’alegre, justo, inteligentudo – de *calibre*, de *quilate*, de caráter. Bom até-onde-que, bom como *cobertor*, *lençol* e *colcha*, bom mesmo quando com *dor-de-cabeça*: bom, feito *mingau adoçado*.”<sup>23</sup> Ou ainda: “Ô homem! Inteligente como *agulha e linha*, feito *pulga no escuro*, como *dinheiro não gastado*. Atilado todo em sagacidades e finuras – é de ‘fimplus!’ de ‘tintínibus’ latim, o senhor sabe, aperfeiçoa ...”.<sup>24</sup>

Os elementos empregados pelo narrador para descrever o patrão, Dr. Mimoso, acentuam, em seu discurso, além de sua cultura iletrada, o fato de ser ele alguém bastante ligado ao concreto. O narrador faz questão de deixar clara a proximidade entre o narratário e o doutor, quando aproxima os saberes de ambos com as palavras: “o senhor sabe” em que deixa claro que o advogado compreende bem o latim do doutor. É para este narratário que o narrador pretende se justificar, contando sua história, direcionando seus conceitos sobre a vida, suas reflexões, sua visão de mundo. Sua reflexão busca sentido para a dualidade agir versus pensar. Defende que o agir é próprio dele e o pensar, do mundo letrado. Veja-se a diferença pelo próprio nome do personagem “Dr. Mimoso”. É caracterizado como pessoa sutil “inteligente, justo e bom! – muito leve no caso”. O narrador, por sua vez: “Eu, já cortado com aquilo.”<sup>25</sup> Nota-se ainda que, segundo Jimirulino, o Doutor apresentava “sutilezas, nos estilos da conversação”,<sup>26</sup> em oposição ao narrador que se aproxima sempre do rústico: “Eu: duro, firme, de lei – pau de ipê, canela-do-brejo.”<sup>27</sup>

Jimirulino assume-se como autor do crime, sem nenhum objetivo de tentar se defender. Embora fique sempre implícita a intenção de mostrar que o doutor o induziu a esta prática, não cobra, em nenhum momento, do narratário algum tipo de punição para o seu patrão.

---

<sup>22</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 249.

<sup>23</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 247. (grifos nossos)

<sup>24</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 248. (grifos nossos)

<sup>25</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 249.

<sup>26</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 249.

<sup>27</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 249.

Cada palavra do doutor Mimoso era tida por Jimirulino como as de um sábio. A reprodução de seus ensinamentos ao narratário vem sempre acompanhada de comentários que supervalorizam a figura do médico: “Moderado então ele me instruiu: – ‘A gente preza e espera a lei, Jimirulino... Deus executa!’ – e não era suspiro, não, eram arejos de peito, do brio fidalgo.”<sup>28</sup>

A citação das leis divinas, por parte do médico, cai como uma vestimenta perfeita para Jimirulino, que desejava ser como o doutor. Segundo as palavras do médico, reproduzidas com fidelidade pelo narrador, quem executa as obras justas é “Deus”. Depreende-se deste texto que, para quem costuma agir por impulso, este é um bom argumento. Para Jimirulino, foi fácil seguir as sutis encaminhações do mestre.

Jimirulino deixa sempre patente a perspicácia do doutor: “moderado então ele me instruiu:”<sup>29</sup> Mais uma vez o narrador acentua a posição do doutor como instrutor e, consequentemente, a dele como aprendiz. Entretanto, um instrutor que dá as lições de forma moderada. Ou seja, o doutor não deu uma ordem direta para que Jimirulino executasse o crime, mas a fala do narrador mostra que o doutor conduziu as palavras com tamanha sagacidade que ele, sem perceber, foi levado a fazê-lo, no intuito de se tornar uma pessoa admirada, aquela que o doutor sugere: “– ‘Deixa, Jimirulino...’ – se a melhor luz faz o norte. – ‘Deixa. Um dia eles pela frente toparam algum fiel homem valente... e com recibos, pagam...’ afirmador, feito no florear com a lanceta.”<sup>30</sup>

Os conselhos do doutor foram, então, aceitos pelo narrador como a “melhor luz”. Impulsivamente, agiu como o doutor (na sua forma “moderada”) havia lhe instruído. É importante observar que, nesse trecho, o narrador interrompe a fala do doutor para se posicionar dizendo: “A melhor luz faz o norte.” Assim, considerando o doutor como a sua melhor “luz”, deixou-se conduzir por ele e buscou a direção (o norte) sutilmente apontada por ele. Esta era sua visão no momento em que se deu o fato. No presente da narração, por já ter tido seu tempo na prisão para refletir, é que consegue construir este discurso ambíguo a fim de mostrar sua visão atual, mais crítica. Dessa forma, o narrador se mostra realista, não acredita em sorte: “Sorte? A gente vai – nos passos da história que vem.”<sup>31</sup> É a visão apresentada no momento presente da narração, pois o episódio, o engano em relação ao doutor o torna assim, visto que ele já era uma pessoa de comportamento prático.

Conforme mencionamos, o discurso do narrador, muito sutilmente, acusa o doutor de tê-lo induzido a cometer o crime. Veja-se a seguinte passagem:

Eu, olhando para o silêncio, já com as beiradas duvidadas. Fui me enchendo de vagarosamente – o que estava me tremeluzindo. Meu destino ia fortíssimo; eu, anônimo de família. Daí, já em desdiferenças, ele veio: – “deixa, Jimirulino...” – se a melhor luz faz o norte. “Deixa. Um dia eles pela frente toparam algum fiel homem valente... e, com recibos, pagam...” – afirmador, feito no florear com a lanceta. Disse, mas de enfim; tendo meigos cuidados com o cavalo. Que inteligência! E peguei a idéia de que. Respirei respiração, entanto que para ásperas coisas, entre o pinote e o pensamento, enfim clareado.<sup>32</sup>

<sup>28</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 249. (grifos do autor)

<sup>29</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 249.

<sup>30</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 249. (grifos do autor).

<sup>31</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 247.

<sup>32</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 249. (grifos do autor)

Esse trecho é parte essencial do conto no sentido de apontar como o narrador se justifica por ter cometido o crime. Jimirulino descreve-se como um anônimo de família que, desejando ser admirado pelo doutor, “enchendo de vagarosamente”, vestiu a imagem criada pelo outro do “fiel homem valente”, capaz de cometer a vingança esperada pelo médico como pagamento. Há, efetivamente, nessa passagem, uma agudeza muito marcante no discurso do narrador que, após reproduzir a fala do doutor, chama a atenção para inteligência deste. Fica, então, compreensível a intenção de mostrar que o doutor sabia manipular as palavras e, pacientemente, o fez, nesse momento, em que, com semelhante meiguice, acariciava o animal. Jimirulino, então, revela ter caído na armadilha do doutor, uma vez que pegou “a ideia de que”, sem pensar, “entre o pinote e o pensamento”. Se o narrador se constitui na imagem de um homem de ação e não de pensamentos, essa foi a razão por que se tornou um alvo fácil para o doutor. No momento da narração, conforme ele mesmo afirma, o pensamento se encontra “enfim clareado”, sendo, por esta razão, possível a ele reler toda esta situação.

Contrariamente ao narrador, o doutor, aparelhado e sereno, leva-o a agir pacientemente: “Ordem, por fora; paciência por dentro. Muito mediante fortes cálculos, imaginado de ladino, só se diga.”<sup>33</sup> Assim, ironicamente, o narrador o descreve, no presente da narração, após o tempo de reflexão que a prisão lhe propiciou. A expressão “só se diga”, ao final da descrição, afirma o caráter zombeteiro do seu discurso, chamando a atenção do narratário para mostrar que há algo mais sendo dito, além do sentido explícito das palavras que organiza. Nesse trecho, percebe-se, pois, a intenção do narrador de dizer, insinuando que não diz, o que promove um desacordo entre enunciado e enunciação.<sup>34</sup> Esta estruturação do texto nos permite pressupor a figura de um leitor capaz de dialogar com este conto de forma crítica e de perceber o seu tom sarcástico.

Genette,<sup>35</sup> refere-se ao narrador, ressaltando sua função ideológica, a qual podemos afirmar ser predominante neste conto. Isto se dá, pois o narrador posiciona-se diante do fato ocorrido e, tanto conta esses fatos ao advogado, quanto reflete sobre seu aprendizado de vida. Ou seja, seu contar faz sentido à sua maneira, à luz da sua visão atual da situação. Jimirulino mostra, já desde o início da narração, a seu destinatário que, no momento presente, percebe-se como quem foi capaz de “aprender prático o desfeito da vida”.<sup>36</sup> E, conforme conclui ao final: “Acho que achei o erro, que tive: de querer aprender demais depressa, no sofreguido.”<sup>37</sup>

Nesse sentido, o discurso do narrador se faz carregado de ambiguidade ao descrever as virtudes do doutor. Isso porque o texto funde, com qualidade estética ímpar, as duas visões do narrador: a que tinha antes do crime e a que se mostra no presente da narração. Assim o narrador se refere ao doutor como alguém inteligente, mas é possível ler em suas palavras que tal inteligência está relacionada também a certo grau de “malandragem”.

<sup>33</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 248-249.

<sup>34</sup> FIORIN. *As astúcias da enunciação*.

<sup>35</sup> GENETTE. *Discurso da narrativa: ensaio e método*.

<sup>36</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 247.

<sup>37</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 250.



No trecho, “Atilado todo em sagacidades e finuras” reafirma-se o tom irônico, uma vez que a palavra “atulado” remete a esperto, hábil. Na sequência dessa descrição, o narrador completa com a assertiva: “O senhor sabe.” Nesse momento, o narrador chama a atenção do narratário no sentido de mostrar que deseja dizer mais do que está aparentemente dizendo.

Não se pode afirmar ao certo (e aí está a grande arte do texto), fica para Jimirulino e para o advogado, tanto quanto para o leitor a questão: houve ou não tal intenção, por parte do doutor? O discurso do narrador busca mostrar que sim. Entretanto, ele se encontra, agora, numa postura em que não depende de outros acreditarem ou não no que diz, ou sequer faz questão de que o compreendam. Seu desejo é sair da prisão para que, dotado desta nova visão da situação, possa agir com a mesma “paciência” com que age o doutor e a mesma que demonstra agora, despido do erro na precipitação das atitudes do passado. Jimirulino mostra ter aprendido, na prática, o que é ser enganado. O conto revela um engano que se dá no nível da essência, não no da aparência, conforme o personagem insinua: “No engano sem desengano: o de aprender prático o desfeito da vida.”<sup>38</sup>

Assim, podemos nos remeter ao que o narrador se refere como o “gosto da segunda metade”. A expressão sugere o que jimirulino aguarda para experimentar: viver o novo aprendizado, depois que sair da cadeia. Uma vez que já aprendeu a empregar a ambiguidade nas palavras, já sabe lidar com o abstrato e não mais apenas com o prático. Agora, deseja sair da prisão para sentir o gosto de ser como o doutor e experimentar, na prática, o que tem em pensamento. Concordamos, portanto, com Novis que afirma: “Jimirulino, que no final ainda se confessa aprendiz do Doutor Mimoso, já aprendeu os ‘solertes preceitos’ do chefe.”<sup>39</sup>

Lembremos as intenções expressas pelo narrador: “Inda hei porém de ser inteligente, bom e justo: meu patrão por cópia de imagem. Hei de trabalhar para o doutor Mimoso!”<sup>40</sup> Depreende-se daí que, antes do crime, havia uma visão idealizada do doutor como sujeito portador destas qualidades. Após a lição, o narrador pode vê-las como qualidades aparentes do doutor e assim pretende também agir, quando lhe for dada a nova oportunidade, fora da prisão. Além disso, o desejo de voltar a trabalhar para o doutor deixa em aberto, no conto, uma possível intenção de vingança. Esta sua fala termina com ponto de exclamação, expressando forte emoção diante da possibilidade de trabalhar novamente para o doutor e tal emoção contrasta com a tranquilidade demonstrada no decorrer de sua conversa com o narratário.

Diante do que discutimos, podemos afirmar que o título deste conto é uma indagação, que pode ser atribuída tanto ao narrador como ao doutor. De quem seria a culpa? O título corresponde, portanto, à atmosfera de ambiguidade que permeia todo o conto.

Guimarães Rosa, possuidor de vastíssimo conhecimento da língua portuguesa, como também de outras linguagens em seus mais variados idiomas, possibilita ao leitor de seu conto entrever, neste título, a interjeição mineira “uai”, como reflexo da linguagem

<sup>38</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 247.

<sup>39</sup> NOVIS. *Tutaméia: engenho e arte*, p. 78-79.

<sup>40</sup> ROSA. *Tutaméia (terceiras estórias)*, p. 250.

regional do autor. Da mesma maneira, autorizados pelo texto, podemos deslocá-la deste significado regional, se tomarmos seu aspecto fonético. Queremos dizer que, embora não corresponda à grafia, podemos considerá-la no sentido oferecido pela língua inglesa. Assim temos: “why” (por quê?), remetendo a uma indagação relativa a causa. Nesse caso, o narrador estaria convidando, desde o título, o seu interlocutor a refletir. Por que seria ele o culpado, uma vez que fora levado a agir impulsivamente? A mesma pergunta vale para o doutor: Por que seria o doutor o culpado, se não concretizou a atitude? Assim, o próprio título, em se tratando de uma pergunta, já faz uma convocação de seu destinatário à reflexão. Há ainda que se perceber que o título marca a rapidez com que Jimirulino agiu, “no sufreguido”, pois ele “urgenciava”. Ou seja, quando se deu conta, já tinha executado a ação impensada. Daí a pergunta: “– Uai, eu?”

O advogado narratário, como tal, estando posto no enunciado, só demonstra adquirir os conhecimentos que lhe oferece o narrador, pois não emite qualquer opinião. Diferentemente, o leitor poderá ler não só o que o narrador diz, mas também o que se insinua em meio a suas palavras e manifestar uma postura crítica, atualizando o texto. Agindo desta forma, o leitor estará dialogando com o enunciador,<sup>41</sup> cuja figura está pressuposta na construção do texto, o autor implícito. Ao dialogar com o enunciador e não apenas com o narrador, o leitor tem a possibilidade de conceber a figura do doutor como alguém que se utilizou de astúcia, na intenção de levar Jimirulino a cometer um crime que não queria. O doutor, inteligente, conforme descreve Jimirulino, sabia que seu ajudante era homem sem família e que, portanto, assumiria, por ímpeto, o papel do corajoso projetado por ele. Além do mais, sabia que Jimirulino era uma pessoa de ação, não de ideias.

No nível explícito do discurso, que é o do enunciado, o narrador deixa para o narratário, o advogado, a função de encontrar, no mundo da lei, uma solução para seu caso. Jimirulino sabe que é o culpado perante a lei. Entre ações e ideias, praticou a ação. Sabe também que não há condenação para ideias, sobretudo as que não expressas de forma clara, como é o caso do doutor que apenas insinuou-se, induziu. Fica, então, no nível da enunciação, a proposta de reflexão sobre a questão da culpa, sobre quem fez e quem indiretamente induziu a fazer. Jimirulino sabe que, ao doutor, não pode ser atribuída a responsabilidade, por isso, não deixa patentes suas intenções de aprender a “malandragem” em roupagem da elite. Dessa forma, diz, no nível do enunciado, que deseja aprender, mas é possível, a um leitor crítico, perceber que Jimirulino já aprendeu, uma vez que constrói toda sua narração com base nesta ambiguidade.

Assim sendo, o texto manipula dois conceitos em relação aos atributos do doutor. As palavras “bom, justo, inteligente” podem ser lidas no que tange ao universalismo dos valores ideais, como também num sentido irônico. Assim, o leitor pode ver duas dimensões temporais do narrador entrelaçadas de forma literária no conto: Antes do aprendizado, o narrador via essas qualidades no sentido ideal, depois do crime e da prisão, passa a ver o doutor para além da aparência de bom e justo. Vê nele uma essência de “espertalhão” que manipula pelo discurso e, ao mesmo tempo, um mestre que lhe ensinou esta mesma arte.

---

<sup>41</sup> FIORIN. *As astúcias da enunciação*.

A narração, numa leitura mais crítica, é capaz de revelar que o narrador tornou-se um sujeito também hábil na arte da linguagem. O compromisso com a verdade, esboçado por ele no início do texto, lembra o juramento de um réu no momento de ser julgado. E Jimirulino o faz, ou seja, diz a verdade. Entretanto, para além do que diz, há uma outra verdade implícita. Esta última, oculta nas suas palavras, mostra que ele já aprendeu a compreender o abstrato e não mais lidar apenas com o prático. Aprendeu, então, a manipular ideias em vez de apenas agir.

Um leitor capaz de desconfiar do discurso aparente do narrador não fará a leitura apenas do que diz o narrador ao narratário. Assim, a presença do narratário é imprescindível, pois estabelece uma ponte entre o leitor e o texto. A figura do advogado, representante da lei que provém do mundo letrado e que não pode ser burlada sob pena de castigo, propicia a reflexão sobre o cumprimento ou não destas leis.

Wisnik, em estudo sobre o conto “Famigerado” de *Primeiras estórias*, discute como o letrado do conto que ele analisa consegue se defender da violência, representada pela figura do jagunço matador. Argumente ele que:

Operada pelo letrado, no limite entre ameaça e a astúcia, a manobra expõe a potência ambivalente mercurial da língua ao mesmo tempo que a escamoteia – através dela o conto guarda e exhibe, ainda, a ambigüidade da lei não fundada e o nó não desatado da violência cordial, cujas implicações são cheias de conseqüências para a discussão do Brasil contemporâneo.<sup>42</sup>

O autor discorre demoradamente sobre a imagem da sociologia brasileira que se insinua no referido conto. Segundo ele, o texto retrata um momento histórico social em que no sertão “falta a lei” e no ambiente urbano “a lei falta”. O que tenciona apontar é que o sertão, regido pela força e não pelas imposições legais, contrasta com o meio urbano, onde as leis existem, porém, falhas. Ainda para ele:

A fragilidade da lei, e sua crônica impossibilidade de se firmar, é um tema agudamente brasileiro, cujas implicações as mais profundas e sutis são objeto explícito ou implícito desses textos de Guimarães Rosa.<sup>43</sup>

Quanto ao conto “– Uai, eu?”, embora não retrate a falta da lei, porque o narrador está sendo punido pelo crime, é imperioso observar que, curiosamente, o comportamento que esse narrador revela ter o doutor e que ele pretende copiar é semelhante ao do narrador de “Famigerado”. Jimirulino, não obstante o fato de ter pouco conhecimento das letras, mostra ter aprendido a imitar o jogo verbal empregado pelo doutor. Assim, ambos portam-se como o narrador letrado do conto “Famigerado”, descrito por Wisnik, aquele que:

Desarma o mecanismo da vingança fisicamente violenta, corrente no sertão imemorial, através de outro mecanismo de vingança que lhe é complementar, o astucioso, analisando sibilinamente, pela própria autoexposição ao riso, uma realidade constrangedora na qual está, ao mesmo tempo, excessivamente metido para não jogar o jogo que ele impõe. Sublima, com isso, a sua impotência de fato, mostrando e escondendo a arma invisível do verbo, potente por sua vez aos olhos do seu público virtual de letrados.<sup>44</sup>

<sup>42</sup> WISNIK. O famigerado, p. 178.

<sup>43</sup> WISNIK. O famigerado, p. 188.

<sup>44</sup> WISNIK. O famigerado, p. 186.

Complementando o estudo de Wisnik, Renato Janine Ribeiro, em análise do mesmo conto, trata da relação entre “letrado e guerreiro”, defendendo que a linguagem pode se constituir numa arma “terrível”. A constatação a que este estudioso chega sobre a disputa entre letrado e iletrado é a de uma relação que:

(...) passa pelas armas que um e outro brandem: um arma-se de faca, espingarda e honra; outro, de palavras e ardis. Um quer o sentido verdadeiro, primeiro; o outro joga sempre com o duplo sentido, até culminar na espantosa revelação do mal que tem dentro de si (...) de um lado, a arma direta, seja branca ou de fogo, de outro, a arma da palavra, que é em última análise a mais forte.<sup>45</sup>

As palavras acima podem efetivamente ser aplicadas ao conto que analisamos, uma vez que, conforme discutimos, Jimirulino armava-se, a princípio, de espingarda e o doutor de palavras. Entretanto, o que se vê em “– Uai, eu?” é a superação do “guerreiro”, que mostra ter aprendido a lição do mestre letrado e já começando a pôr em prática as armas matreiras da palavra.

Obviamente, o advogado, como narratário, só poderá ter acesso àquilo que o narrador lhe dirige; entretanto, conforme citamos acima, nas palavras Wisnik, a linguagem se faz potente, por sua vez, aos olhos de um público virtual de letrados. Nossa análise, na intenção de complementar a visão do estudioso, aponta, então, o citado “público virtual de letrados” como o leitor de literatura, capaz de compreender a potencialidade do verbo, da forma como é trabalhado no conto. O discurso do narrador Jimirulino está, então, pleno de significações. Temos aí um exemplo efetivo de palavra empregada de forma artística, carregada de subjetividade a um ponto extremo em que o nível de poeticidade é capaz de encantar o leitor capaz de apreendê-la.

Dessa forma, esse conto reflete, ainda que ficcionalmente, uma relação de comunicação bastante específica, se considerarmos a relação entre autor e leitor, em que o discurso apresenta um significado extremamente específico que só cabe neste contexto de enunciação: o literário.



#### ABSTRACT

In this paper, we argue that the narrator of Guimarães Rosa's “– Uai, eu?” narrates his crime to a narratee, his lawyer, in such a way that it becomes possible for the reader to perceive the ambiguity of his speech and to reflect about his guilt. To achieve our aim, we use Gerard Genette's and Gerald Prince's terminology.

#### KEYWORDS

Crime, story, narrative ambiguity, Guimarães Rosa

<sup>45</sup> RIBEIRO. O letrado e o guerreiro: ou dois ensaios sobre o âmagô terrível da linguagem, p. 317.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 2002.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa: ensaio e método*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, 1979.
- NOVIS, Vera. *Tutaméia: engenho e arte*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- PRINCE, Gerald. Introdução ao estudo do narratário. Trad. Cláudia Maria Xatara e Wanda Aparecida Leonardo de Oliveira. *Glota*, S. J. do Rio Preto, n. 16, p. 1-45, 1994-1995.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- RIBEIRO, Renato Janine. O letrado e o guerreiro: ou dois ensaios sobre o âmagô terrível da linguagem. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 307-320, 1º sem. 2002.
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia (terceiras estórias)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SIMÕES, Irene Gilberto. *Guimarães Rosa: as paragens mágicas*. São Paulo: Perspectiva, [s. d.].
- WISNIK, José Miguel. O famigerado. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 177-198, 1º sem. 2002.